

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **CONGRESSO DO 14.º CENTENÁRIO DA CHEGADA DE S. MARTINHO DO DUME À PENÍNSULA.**

(sem indicação de autor)

Ano: 1950 | Número: 60

---

### **Como citar este documento:**

(sem indicação de autor), Congresso do 14.º centenário da chegada de S. Martinho do Dume à Península. *Revista de Guimarães*, 60 (3-4) Jul.-Dez. 1950, p. 527-538.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Congresso do XIV Centenário da chegada de S. Martinho de Dume à Península

---

De harmonia com o Programa geral deste Congresso, promovido pela Câmara Municipal de Braga, sob os auspícios da Mitra Bracarense e com a colaboração do Cabido da Sé Primaz, teve lugar em 20 de Outubro, no Salão Nobre da Sociedade Martins Sarmiento, a sua 4.<sup>a</sup> Sessão plenária.

Os Congressistas, em número aproximado de 160, chegaram a Guimarães pelas 11 horas, em longa caravana de automóveis, e dirigiram-se logo à Câmara Municipal, onde foram recebidos oficialmente pelo Senhor João Rodrigues Martins da Costa (Aldão), ilustre presidente do Município, que lhes apresentou, nas seguintes palavras, saudações de boas vindas:

Eminentíssimo Senhor Cardeal Patriarca,  
Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Arcebispo Primaz,  
Excelentíssimos e Reverendíssimos Arcebispos e Bispos,  
Excelentíssimo Senhor Governador Civil,  
Senhores Congressistas:

Antes de mais, quero transmitir a Vossa Eminência as saudações da Cidade e Concelho de Guimarães e as minhas saudações pessoais.

Saúdo na pessoa de Vossa Eminência não só o purpurado insigne, mas também a Hierarquia Católica de Portugal.

Em Vossas Excelências Reverendíssimas eu reverencio em conjunto a Igreja Católica da Península Ibérica. Mas não posso deixar de sublinhar de forma especial a honra que constitui para Guimarães a visita dos Prelados que vieram de ter-



*A 4.<sup>a</sup> Sessão plenária do Congresso Martiniano, realizada no Salão Nobre da Sociedade Martins Sarmento, sob a presidência de Honra de Sua Eminência o Senhor Cardinal Patriarca de Lisboa. O Dr. Elias de Tejada, Professor da Universidade de Salamanca, lendo a sua Comunicação.*

ras de Espanha abrilhantar com a sua presença as solenidades e os trabalhos deste Congresso.

Em Vossa Excelência, Senhor Governador Civil, eu saúdo o Governo da Nação.

Senhores Congressistas: Não me pertence, como Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, falar do grande Santo e grande escritor que, nos meados do século vi, chegou à Península, e a cuja memória Vossas Excelências, em Congresso justamente notável, acabam de consagrar trabalhos valiosos. A minha missão é mais limitada: reduz-se a saudar em Vossas Excelências os cultores da mais difícil das ciências, em nome da Cidade de Guimarães, desta velha Cidade que nos séculos tem sido foco admirável de grande actividade intelectual.

Não preciso de trazer para aqui os nomes que a lenda, ou a simples tradição dá como nados nesta terra e que a ela teriam deixado ligados os passos da sua vida — como S. Dâmaso ou Gil Vicente.

Bastam-nos aqueles que, de toda a certeza, aqui nasceram e aqui floresceram, para nós, vimaranenses, nos orgulharmos do contributo mental com que concorrêmos, através dos séculos, para o prestígio da Cultura portuguesa.

Poetas e homens de ciência, juristas, teólogos e historiadores, de tudo temos um pouco. Mas a Vossas Excelências, pelo cuidado preferente que têm prestado às várias Ciências da História e porque vêm dum Congresso predominantemente histórico, quero e devo dizer que estão numa terra em que essas ciências se têm cultivado com amor e isenção.

Há, em Guimarães, três instituições que falam por si: a Sociedade Martins Sarmento, o Arquivo Municipal de Guimarães e o Museu de Alberto Sampaio. A primeira constituiu grandioso conjunto de historiadores — desde Martins Sarmento, o arqueólogo famoso da Citânia, até o Abade de Tágilde e Alberto Sampaio, nomes que jamais se apagarão da memória dos estudiosos das nossas antiguidades.

O Arquivo Municipal de Guimarães, de criação recente, além do valiosíssimo núcleo documental que oferece aos investigadores, publica o Boletim de Trabalhos Históricos.

O Museu de Alberto Sampaio é jóia preciosa de arqueologia artística da região. Qualquer destas instituições culturais honra Guimarães e marca sinal luminoso na paisagem da nossa vida contemporânea.

Os tempos que vão correndo estão a desbancar certas manifestações de espiritualidade, mas nós, vimaranenses, vamos opondo ao desbastar de certas tradições a força das nossas almas e a energia dos nossos espíritos. Por isso mesmo me referi às três instituições atrás citadas, e as apontei a Vossas Excelências com orgulho.

Senhores Congressistas:

Recebam Vossas Excelências as saudações mais sinceras da Câmara da minha presidência e do povo de Guimarães, com os desejos de que levem desta terra as melhores recordações.

Agradeceu, em nome dos Congressistas, Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa. Pelas 13 horas, foi servido aos Congressistas um banquete oferecido pela Câmara Municipal de Guimarães, findo o qual se efectuaram algumas visitas aos principais monumentos da cidade — Castelo, Paço dos Duques de Bragança, etc.

As 16,30 horas precisas, teve início a 4.<sup>a</sup> Sessão plenária. O Salão da Sociedade encontrava-se belamente engalanado e repleto de assistentes, muitas Senhoras, congressistas, sócios da Instituição, etc. Assumiu a presidência de Honra Sua Eminência o Senhor D. Manuel Cerejeira, Cardeal Patriarca de Lisboa, ladeado pelo Sr. Dr. António da Cunha Matos, Governador Civil Substituto, pelo Arcebispo de Santiago de Compostela, Arcebispo de Bragança, Arcebispo Primaz de Braga e Arcebispo-Bispo de Aveiro.

Ocupavam também lugares de honra os presidentes das Câmaras Municipais de Braga e de Guimarães, Mons. Dr. Pascoal Galindo, do Conselho Superior de Investigações Científicas de Madrid, Dr. Torcato de Sousa Soares, Prof. da Universidade de Coimbra, Dr. Otero Pedrayo, Prof. da Universidade de Compostela, Padre Avelino de Jesus da Costa, Prof. do Seminário Conciliar de Braga, Dr. Sérgio Augusto da Silva Pinto, da Comissão Executiva do Congresso, Cónego Alberto da Silva Vasconcelos, Coronel Graciliano Marques, Comandante Distrital da Legião Portuguesa, o Cônsul Geral de Espanha, Professores e diversas autoridades civis, eclesiásticas e militares de Braga e de Guimarães. Sentavam-se igualmente em lugares reservados os Congressistas inscritos para apresentação de teses nesta Sessão, que eram os Snrs. Dr. Francisco Elias de Tejada, Professor da Universidade de Salamanca, Dr. Georges Gaillard, Professor da Universidade de Lille, Dr. Padre José Martins Gigante, Professor do Seminário Conciliar de Braga e Dr. Padre Domingos Maurício Gomes dos Santos, historiador e Redactor da Rev. «Brotéria».

A presidência da Mesa de Trabalhos foi ocupada pelo Sr. Coronel Mário Cardoso, presidente da Socie-

dade Martins Sarmiento, ladeado pelos Ex.<sup>mos</sup> presidentes das Câmaras Municipais de Braga e de Guimarães, respectivamente Sr. António Santos da Cunha e Sr. João Rodrigues Martins da Costa (Aldão).

Antes de iniciados os trabalhos, o Sr. Presidente da Câmara de Braga pediu a palavra, proferindo uma breve saudação à Cidade de Guimarães e oferecendo à Câmara desta Cidade, entre calorosas salvas de palmas, os quatro volumes dos «Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga», de Monsenhor Augusto Ferreira, obra luxuosamente encadernada e contendo a seguinte dedicatória impressa na abertura do 1.º volume—*À Cidade de Guimarães, como penhor de amizade, a Cidade de Braga. 20 de Outubro de 1950.* O Senhor Presidente da Câmara de Guimarães agradeceu a gentilíssima oferta, que em seguida passou às mãos do Senhor Coronel Mário Cardoso, para que esta obra ficasse arquivada e incorporada na Biblioteca Municipal, a cargo da Sociedade Martins Sarmiento.

Seguidamente o Sr. Coronel Mário Cardoso, presidente da Sociedade Martins Sarmiento, pronunciou, como presidente da Mesa de Trabalhos, o seguinte discurso:

Eminentíssimo Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa,  
Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Arcebispo Primaz,  
Excelentíssimos e Reverendíssimos Prelados,  
Excelentíssimo Senhor Governador Civil de Braga,  
Excelentíssimas Autoridades Civis, Eclesiásticas e Militares,

Minhas Senhoras e Senhores Congressistas:

Na já longa história desta Colectividade tem ela podido incluir, por diversas vezes, em seus fastos memoráveis, as visitas solenes dos mais altos representantes do poder civil, eclesiástico e militar.

Nesta Casa, a que alguém já chamou com propriedade a «sala de visitas de Guimarães», têm entrado Chefes de Estado, homens da Governação Pública, estadistas, grandes dignitários da Igreja, professores eminentes. Mas creio poder afirmar sem receio que em ocasião alguma aqui nos honrou a visita duma personalidade ilustre cuja presença nos fosse tão grata e tão expressivamente cativante ao nosso coração de vimaranenses como a deste Príncipe da Igreja que hoje se encontra entre nós — Sua Eminência o Senhor D. Manuel Cezeira, Cardeal Patriarca de Lisboa. É que Sua Eminência

pertence também um pouco à nossa terra de Guimarães. Aqui frequentou os seus primeiros estudos, no antigo Seminário Liceu. E as recordações da mocidade são talvez as mais duradouras e persistentes, e por certo as mais saudosas e gratas ao nosso espírito, no decorrer da vida. Creio pois que Vossa Eminência se deve sentir bem nesta sala e nesta terra vimaranense, que lhe avivará sem dúvida lembranças muito queridas, de tempos que não voltam mais. Por nosso lado, rejubilamos com a presença de Vossa Eminência no seio desta Colectividade. Vão pois para Vossa Eminência as nossas primeiras saudações. Seja bem-vindo a esta Casa.

A Sociedade Martins Sarmiento, a cuja Direcção tenho a honra de presidir, fica hoje devendo à Ex.<sup>ma</sup> Câmara Municipal de Braga, promotora deste Congresso de Estudos Martinianos sob a Presidência de Honra de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo Primaz, a penhorante deferência da realização da sua 4.<sup>a</sup> Sessão plenária no Salão Nobre desta Casa. Distinção muito grata ao sentimento de todos os vimaranenses, porque ela define bem o elevado conceito que à capital do Distrito merece esta veneranda Instituição de Cultura, que há perto de 70 anos vem promovendo e expandindo a sua acção espiritual, sob o signo do Nome de MARTINS SARMENTO, o glorioso investigador nosso conterrâneo cuja fecunda obra científica lhe conquistou destacado lugar entre os mais ilustres sábios do seu tempo.

Cumpre-me pois o gratíssimo dever de agradecer a atenção dispensada à nossa Colectividade, por me ter sido conferida a presidência desta Sessão plenária, quando tão apoucado de méritos me sinto para ocupar este lugar.

Está em festa a nossa Instituição pela honrosa visita das altas personalidades que aqui se encontram, deferência devidamente apreciada não só pela Direcção desta Casa, mas — repito — por toda a Cidade Guimarães, porque demonstra o reconhecimento, para nós bem grato, dos beneméritos serviços que a Colectividade tem prestado, e continuará prestando, aos estudos históricos e arqueológicos nacionais.

Com as minhas calorosas saudações aos ilustres Congressistas aqui presentes, desejo ainda manifestar, nestas singelas e breves palavras, o mais vivo aplauso da Sociedade Martins Sarmiento pela realização deste Congresso bracarense, ideia brilhante e feliz que muito veio distinguir e nobilitar quem a concebeu, e tão dignamente a está levando a cabo.

As reuniões internacionais deste carácter, puramente intellectual ou científico, que tão activamente vêm sendo hoje promovidas em todo o mundo culto, constituem um dos mais fortes estímulos para a aproximação dos povos, num sentido de mútua compreensão e de paz universal. De facto, será apenas pela revalorização dos factores de ordem espiritual que o mundo contemporâneo, em desorientada convulsão, se há de redimir de seus erros, e de novo alcançar e consolidar a sua posição de equilíbrio, que os conceitos negativistas do racionalismo do século lhe fizeram perder, esquecendo as leis iminentes da moral, da justiça e do bem, sem as quais os agre-

gados humanos deixam de ser conduzidos pelos imperativos da consciência, obedecendo apenas aos instintos da animalidade.

Bem haja pois o Município bracarense que, a par da brilhantíssima obra de progresso material que está realizando na augusta Cidade arquiépiscopal, de tão gloriosas tradições de grandeza na história da Nacionalidade, não menosprezou nem esqueceu tão pouco os valores do espírito, que constituem a mais nobre das heranças humanas.

A celebração do XIV Centenário da chegada de S. Martinho *Dumiense* ou *Bracarense* à Península, e da fundação do Mosteiro de Dume, elevado, alguns anos após, à dignidade episcopal, devido à extraordinária acção apostólica do seu fundador e primeiro Abade, foi não só o que pode chamar-se uma oportunidade magnificamente aproveitada para propagar um mais vasto e perfeito conhecimento da notável influência que na história da Igreja portuguesa exerceu este Santo Doutor, cujas excelsas virtudes o levaram também ao sólio metropolitano bracarense, como ainda este Congresso pode considerar-se um esplêndido incentivo aos investigadores medievistas para o esclarecimento desse período da nossa Alta Idade Média, ainda tão mal conhecido entre nós, posto que os arquivos nacionais e estrangeiros, especialmente os espanhóis, sejam opulentos de documentação, que apenas aguarda um estudo paciente e metódico, e que intensa luz virá um dia projectar nos obscuros primórdios da formação política e social da Nação portuguesa.

Estas razões, se outras não houvesse, seriam suficientes para considerarmos importantíssimo, e de fecunda projecção nacional, este primeiro Congresso Martiniano Bracarense, que ficará constituindo como que um padrão, um marco miliário no desenvolvimento dos nossos estudos medievais, relativamente a uma das épocas mais interessantes da história pátria, abrangendo esses primeiros séculos da nossa transição da esfera do paganismo luso-romano para o orbe do mundo cristão. Momento histórico foi esse bem curioso, contemporâneo do período do abandono definitivo dos nossos velhos «castros», cujas milenárias ruínas guardam hoje os segredos da mentalidade, da vida e dos costumes do incola de que descendemos, e acerca dos quais inclusivamente o grande Prelado dumiense nos deixou, no seu escrito *De correctione rusticorum*, alguns elementos de interesse para o estudo dos cultos do Panteão romano na Península, ainda nessa época não desvanecidos na crença dos povos desta região do Noroeste.

E a propósito, e para finalizar, seja-me permitido lembrar aqui que o primeiro impulso dado ao estudo, cientificamente documentado, desse importante período da nossa história, por vezes tão fantasiosamente tratado pelos humanistas do Renascimento, o devemos a dois investigadores vimaranenses, que são simultaneamente duas lídimas glórias nacionais — Martins Sarmento e Alberto Sampaio! Sarmento, arqueólogo e pré-historiador, procurou desvendar as nossas mais profundas raízes etnológicas, e foi o precursor do estudo científico dessas *ciñânias* e *castros* pré-romanos, que coroavam os



montes do norte do País, e entraram em plena decadência por volta dos séculos III-IV da nossa era; Sampaio, historiador e diplomata insigne, projectou, por sua vez, claridades novas no quadrante imediato ao de Sarmento, que abrange o declinar daqueles povoados de tradição céltica, o domínio bárbaro e muçulmano, e se estende até à Reconquista cristã e às origens da formação da Nacionalidade. Ambos preencheram a lacuna que o grande Herculano havia deixado nos primórdios da nossa mais antiga história; ambos estabeleceram e demonstraram a continuidade étnica do nosso povo, a remota persistência da nossa grei através dos séculos, a nossa milenária árvore genealógica, profundamente arraigada no solo desta Pátria imperecível!

Termino as minhas palavras, pois, com tão modestas considerações que apenas pretendiam fazer realçar a incondicional adesão da nossa Colectividade a este Congresso, não me é lícito demorar por mais tempo o começo dos importantes trabalhos que nesta Sessão vão ter lugar.

Em nome de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, está aberta a 4.<sup>a</sup> Sessão plenária do Congresso Martiniano.

As palavras do Senhor Presidente da Sociedade foram calorosamente aplaudidas, e em seguida foi por ele concedida a palavra ao primeiro Congressista inscrito, o eminente catedrático da Universidade de Salamanca, Sr. Dr. Francisco Elias de Tejada, que desenvolveu, em castelhano, o tema — *San Martin de Dumio como pensador político*. Transcrevemos do «Correio do Minho», de Braga, o comentário que este jornal publicou no dia imediato:

O orador procurou em primeiro lugar demonstrar que S. Martinho, além de pensador litúrgico de elevada categoria, foi ainda um qualificado pensador político. A conversão dos Suevos não foi um mero acto para trazer à verdadeira fé um povo perdido nos meandros do paganismo, mas também um acto de alto significado político, que contribuiu para a unificação com um sentido de pátria.

Alongou-se depois, com a sua brilhante e fluente palavra, sobre as doutrinas políticas de S. Martinho de Dume, dissertando sobre as suas obras, cartas a Bispos, etc., terminando por colocar o Dumiense no verdadeiro posto que deve ocupar entre os escritores políticos da patrística hispano-germana.

Usou depois da palavra, em francês, o Prof. da Faculdade de Letras da Universidade de Lille, Sr. Dr. Georges Gaillard, sobre o tema — *Les sarricophages de Dume dans l'art pré-roman*. Resumiu

assim esta comunicação o jornalista de «O Comércio do Porto»:

O sr. dr. Georges Gaillard, professor da Universidade de Lille, França, apresentou um curioso estudo sobre «Os sarcófagos de Dume na arte pré-românica» referindo-se, a duas esculturas pré-românicas existentes no Museu de Braga, que se julga serem provenientes do mosteiro de S. Martinho de Dume. A primeira, a mais importante, é a cobertura de um sarcófago sobre a qual está representado Cristo numa auréola, entre as figuras semi-humanas e simbólicas dos quatro Evangelistas; a segunda, serve de decoração a um dos lados de outro sarcófago e é, também, uma composição monumental, mas de técnica diferente. A pedra que serviu a estas esculturas, um calcáreo local, parece excluir a possibilidade de uma importação destas duas peças. Conclui o autor que tais testemunhos—e outros que se tem perdido através dos tempos—deverão bastar para nos assegurar que o mosteiro de S. Martinho de Dume, centro importante e precoce da civilização cristã do Ocidente, fez trabalhar escultores cuja arte apresenta uma originalidade e uma diversidade dignas de registo.

Seguiu-se-lhe no uso da palavra o Sr. P.<sup>o</sup> Dr. Martins Gigante, canonista ilustre e professor do Seminário Conciliar de Braga, que falou sobre—*Os primeiros Concílios de Braga (561 e 572)*. Transcrevemos a apreciação do mesmo jornal portuense:

Falando sobre «Os Primeiros Concílios de Braga—(561 e 572)», o rev. padre dr. José Martins Gigante, professor do Seminário Conciliar de Braga, afirmou que a conversão em massa dos súbditos do Império Romano devido aos privilégios e regalias com que os Imperadores cristãos favoreciam a Igreja e seus fiéis e à perseguição constante que os mesmos Imperadores faziam aos seus súbditos que se conservavam escravos do paganismo fez com que um grande número deixasse de ser pagão para se fazer cristão, mas sem a devida formação, ou só simuladamente.

E diz: — A esta calamidade, que tantos males causou no seio da Igreja, juntou-se: 1) a invasão dos bárbaros, que eram arianos ou pagãos e espalhavam por toda a parte por onde passavam, juntamente com a desordem, a perseguição à Igreja e àqueles que se lhe conservavam fiéis; 2) o priscilianismo, verdadeiro flagelo, que se generalizou sobretudo na província da Galécia, onde, em dada ocasião todos os Bispos, excepto um, eram priscilianistas ou affectos ao priscilianismo.

Estas circunstâncias, tão graves como malélicas, além dos erros dogmáticos, trouxeram a desordem e desorientação no campo litúrgico e a desorientação no campo disciplinar.

Após a conversão do rei suevo Carrarico e do seu filho Teodomiro, os Bispos da Galécia, aproveitando a protecção que estes lhes dispensavam, cuidaram de condenar os erros, ordenar e unificar a liturgia e orientar os fiéis de harmonia com as normas dos concílios gerais e particulares aplicáveis.

Foi esta a grande missão dos Concílios Bracarenses I e II, em que desempenhou um papel preponderante S. Martinho, que interveio no I como Bispo de Dume, e no II como Metropolitana de Braga.

O último orador da Sessão Plenária foi o eminente historiador, P.<sup>e</sup> Dr. Domingos Maurício Gomes dos Santos, S. J., que versou, com grande brilho, o tema — *São Martinho de Dume, Apóstolo dos Suevos*. O citado diário portuense resumiu assim o seu discurso:

Finalmente, subiu à tribuna o Reverendo Dr. Domingos Maurício Gomes dos Santos, erudito historiador e redactor da revista «Brotéria», de Lisboa, que apresentou um notável estudo sob o título «*São Martinho de Dume, apóstolo dos Suevos*», no qual afirma:

— Na história do Ocidente, do séc. IV ao séc. VII, tocou à Igreja o papel singular de constituir o ponto de interferência entre as instituições do velho mundo romano, com seu rico património de cultura, e a pujança criadora de novos módulos de estruturação ético-política e ético-social, a que deram lugar os bárbaros invasores. O reino suevo foi, na Península, o primeiro, onde a fusão de elementos tão antagónicos se operou, sob a influência da unidade católica. E, apesar das condições etno-religiosas serem as mais precárias com relação aos restantes invasores, dentro do quadro que delas traçou Görres, a acção aglutinadora religiosa e político-social do catolicismo foi tão eficaz e profunda na nação sueva, que esta, embora visse sacrificada a sua hegemonia volvidos 35 anos, veio a contagiar exemplarmente o reino visigodo. E tão firmes foram as raízes de unidade nacional, lançadas por S. Martinho, que 6 séculos de dependência os não emurcheçeram. Antes, a poucos passos andados da reconquista cristã, fizeram readquirir ao núcleo basilar do noroeste peninsular, no condado portugalense, todo o viço primitivo do seu iniludível e decisivo significado político, que a 1400 anos de distância perdura na pátria portuguesa.

S. Martinho, apóstolo dos suevos, foi o grande cabouqueiro desta empresa. Só um atleta da sua estatura apostólica, para empregar a expressão de Venâncio Fortunato — *sortis apostolicæ vir... iste fuit* — podia atingir tão surpreendente resultado. Pô-lo em evidência, em breves linhas, eis o objectivo do presente trabalho.

A conversão dos indivíduos, como a das colectividades, é primariamente obra de Deus. Mas, na história da Igreja,

em virtude da economia da redenção estabelecida por Cristo, patenteia-se o concurso dos homens; e à equação dos valores naturais e sobrenaturais, que eles põem em linha, corresponde, geralmente, o montante dos resultados obtidos.

S. Martinho aparece-nos, nos meados do século VI peninsular, como um instrumento admiravelmente predisposto pela Providência para exercer o seu apostolado entre os suevos.

A preparação do apóstolo parece culminada com intervenções prodigiosas, das quais S. Gregório de Tours, Venâncio Fortunato, Isidoro de Sevilha e o próprio S. Martinho surgem a dar testemunho, tão ponderoso que da sua substância, seja qual for a interpretação que aos factos se atribua, não cabe duvidar, e que, em todo o caso, na sua perspectiva histórica, se afirmam como decisivos.

A realização da missão apostólica de S. Martinho, no coração da Galécia, que então era Braga e sua província eclesiástica, surpreende:

1.º) pela *grandeza do plano* — abrange e atinge, eficientemente, toda a nação sueva, nos seus elementos predominantes (germânico e hispano-romano) e nos diversos planos da sua estruturação social (clero, nobreza e povo).

2.º) pelo *sentido lógico e pragmático* das suas bases: a) *renovação da vida monástica* no mosteiro de Dume, e depois em centros idênticos regionais, a que alude S. Isidoro de Sevilha, dentro das genuínas tradições ascéticas orientais, comprovadas nas «*Aegyptiorum Patrum Sententiae*, que traduziu, e nas «*Verba Seniorum*», cuja versão encomendou ao seu monge Pascásio: b) *reforma da disciplina clerical*, de toda a província bracarense, começando pela sua metrópole, estendendo-se ao sínodo lucence, e até, para além do reino suevo, noutras dioceses visigóticas («*Epístola de trina mersione ad Bonifacium*»).

3.º) pela *importância das visitas canónicas dos bispos* nas suas dioceses, espelhando-nos o «*De correctione rusticorum*», enviado ao bispo Polémio de Astorga, o sabor apostólico e prático das que o prelado bracarense realizava através da sua.

Para esta reforma eclesiástica, não deixou, certamente, de contribuir o carácter cultural que S. Martinho deu ao seu apostolado episcopal, quer através dos seus tratados e compilações teológico-morais e ascéticas, ou canónico-litúrgicas e pastorais, quer através dum intenso comércio epistolar, de que S. Isidoro se faz eco, e de que ainda nos dão indício as várias epístolas dedicatórias dos tratados ascéticos e morais martinianos, ou as respostas dos seus correspondentes (carta e poesia de Venâncio Fortunato), sem excluir a cultura estético-literária, de que os três espécimes de poesia remanescentes ainda dão testemunho.

A reforma da vida eclesiástica visava a catolicização integral do laicato suevo, infectado oficialmente, nos seus elementos germânicos, pela heresia ariana. A conversão de Carrarico, foi o pródromo oportuno. Teodimiro restituiu a nação sueva ao seu antigo ambiente católico. Miro dá-nos a plenitude

desse ambiente e, no auxílio prestado a S. Hermenegildo, acaso, transpira um propósito apostólico de cruzada católica contra o impedernido arianismo visigótico.

Para atingir a catolicização total, tanto nos elementos relevantes da sociedade sueva como nas camadas populares afectadas de superstição pagã e resíduos heréticos, S. Martinho desenvolveu um apostolado literário, notabilíssimo para o seu tempo.

A pregação «De correctione rusticorum», enviada ao bispo de Astorga, oferece-nos um dos mais belos tipos de catequese popular e mostra-nos quanto era profundo o conhecimento que o zeloso antistite bracarense possuía da alma rural hispano-romana, no noroeste peninsular bem como a viveza dramática que ele sabia comunicar à sua parenese. Apóstolo do exemplo, da palavra, da pena e da acção, no templo, na corte e entre o povo, aquém e além fronteiras.

O apóstolo dos suevos não pode dizer-se, por isso, o último sobrevivente duma civilização que desaparecia, com o único mérito de anunciar tempos novos. Foi o cabouqueiro duma unidade nacional, que as contingências históricas abalaram, ou temporariamente mutilaram, mas não mais lograram desagregar irremediavelmente.

Terminada a erudita oração do Rev.º Dr. Domingos Maurício dos Santos, pediu novamente a palavra o Sr. Presidente da Câmara Municipal de Braga para agradecer ao Sr. Presidente da Sociedade as palavras que no seu discurso de abertura da Sessão lhe dirigira a felicitá-lo como promotor do Congresso, e para manifestar também a sua satisfação pelo brilhantismo com que tinha decorrido esta Sessão realizada na benemérita Instituição cultural vimaranense.

Seguidamente Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, na sua qualidade de Presidente Honorário da Sessão, encerrou-a com algumas palavras de saudação a Guimarães, que deram motivo a vibrantes aplausos por parte da numerosa assistência.

Eram cerca de 19 horas quando a Sessão terminou, retirando os Congressistas novamente para Braga.